

No ar, o Telejornal Universitário

**Sílvio Júlio Nassar*

Com esta frase marcando a abertura, os alunos do Curso de Jornalismo viveram uma experiência interessante: fazer o telejornal semanal que, exibido no **hall** da UERJ, procurava informar a comunidade sobre os acontecimentos da Universidade, alguma coisa do país e do mundo, mas que principalmente funcionava como laboratório para a disciplina de telejornalismo.

Foi assim até que as dificuldades econômicas e de equipamento fizeram com que o CTE — Centro de Tecnologia Educacional — que deu todo o suporte técnico não pôde continuar a experiência, por dificuldade principalmente de edição, e foi necessário interromper o **TU**. Mas, tão logo seja possível tecnicamente, o telejornal volta ao ar.

Dessa experiência é que retirei algumas observações para uma reflexão. Em primeiro lugar, parece que foi uma iniciativa pioneira. Não tenho conhecimento de outro telejornal universitário exibido para a própria comunidade, regularmente. É possível que exista ou tenha existido mas o intercâmbio de experiências não é o forte das escolas brasileiras de Comunicação Social.

O conteúdo e a forma do Telejornal Universitário procuravam até certo ponto usar como referência o que se produz de noticiário nas tevês oficiais e comerciais, para aqui e ali ir introduzindo alguma inovação na linguagem. Mas como era essencialmente um treinamento, decidimos fazer de forma semelhante ao que se tem no mercado. Quem quisesse produzir um vídeo independente poderia roteirizar, gravar e editar com total criatividade.

É evidente que são grandes as nossas limitações técnicas e a experiência dos alunos como repórteres e redatores muito pequena. Mas estamos aqui justamente para aprender, testar, perder a inibição diante de luzes e câmeras.

A rotina procurava ser a mais aproximada possível do modelo profissional. Fazíamos a pauta, apuração, seleção de assuntos, analisávamos nossa capacidade de produção, íamos para a gravação da reportagem, com cabeça, passagem, encerramento, o que fosse necessário para contar o assunto. Depois, a gravação do **off** e a edição, que o CTE executava em horários vagos nas ilhas da TV Educativa. No estúdio, com cenário próprio, eram gravadas as cabeças de locutor, chamando as matérias, e as notas ao vivo.

A rotina pauta-produção-gravação-edição é a mesma em qualquer emissora e o mais importante é que nunca ninguém

“aprende.” Cada reportagem é necessariamente diferente das outras. Não podemos dizer, portanto, que os alunos “aprendiam” a fazer mas garantimos que esse exercitar é muito produtivo. Alguns dos nossos estudantes fizeram concursos em tevês profissionais e se deram bem.

Queremos escapar, aqui, de dar uma fórmula. O mais importante é a criatividade. Cada um vai fazer o que é possível, o que é de seu agrado, o que corresponde à vontade do grupo e da comunidade. No nosso caso, optamos por fazer um telejornal curto, com notícias rápidas e reportagens que não se estendiam já que a exibição no **hall** não era muito propícia a temas mais longos.

Uma outra opção foi dividir em blocos. Num deles, o noticiário geral, nacional e internacional, com a seleção que o grupo achasse melhor. No texto, poderia ser dada exclusivamente a informação ou acrescentando o comentário. No outro bloco, com uma tapadeira diferente, aparecia UERJ-JÁ (na arte, o **J** de UERJ puxava a perna para crescer logo abaixo a palavra **já**). Era o espaço onde ficavam as notícias de interesse da Universidade: seminários, cursos, sessões de cinema, inscrições para estágios, o que apurássemos em todos os setores.

Outra solução foi a divisão por grupos. Eram três grupos que se revezavam. Numa semana, um grupo estava tratando da pauta, enquanto outro adiantava a produção e o terceiro já tratava da gravação. Com um só estúdio, uma só câmera, mesmo assim não exclusivos, com os alunos do curso noturno (só temos Jornalismo à noite) trabalhando ou estagiando, era essa a nossa possibilidade. A divisão por grupos tinha um fator a mais: a concorrência. Era, numa escala reduzidíssima, uma competição entre três redes. A comparação é hilária mas vale apenas para mostrar que é importante não ter um só telejornal produzido por um só grupo mas se deve estimular essa concorrência.

Não é muito fácil, como também há dificuldades na vida profissional, para se tentar uma isenção, uma visão ao mesmo tempo crítica mas que não seja unilateral. Em outras palavras, devemos ouvir todas as partes envolvidas quando o assunto é polêmico. O **Telejornal Universitário** procurou ser não um órgão dos alunos, nem das entidades dos professores e funcionários, nem da administração central. Se o assunto dissesse respeito a dois ou a três desses segmentos, todos seriam ouvidos. Não havia a intenção de puxar qualquer brasa para sardinha. Cada um que procurasse convencer mais na entrevista com sua argumentação, num tema polêmico.

Mesmo semanal, tentava ficar mais perto possível dos fatos e a pauta ajudava muito nesse sentido. Os pauteiros estavam

sempre atentos para essa necessidade de atualização. E procurávamos ir variando sempre as funções: o pauteiro seria numa próxima edição o repórter, o repórter o apresentador, por aí adiante. É claro que sem forçar ninguém e até respeitando as tendências e aptidões de cada um. Mas, como objetivo, o revezamento sempre foi considerado essencial.

Procurávamos sempre fazer uma reunião de crítica, tal e qual nas emissoras profissionais. A opinião, no entanto, não era ditada do professor para o aluno mas uma auto-avaliação, uma revisão do trabalho do grupo, e principalmente uma auto-crítica. A profissão de jornalista é uma das que mais requerem essa postura difícil de se autocriticar com rigor e justeza. Era curioso verificar como quase não era necessário apontar os erros. Não que eles não existissem mas eram imediatamente detectados por quem os cometeu.

E teríamos muita autocritica a fazer também do projeto, talvez até coisa que nem interessasse aqui nesse artigo que pretende muito mais ser uma defesa da necessidade desse tipo de trabalho nas faculdades. Nosso **TU** foi visto, fora da UERJ, num encontro promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, e no programa **Universidade Aberta**, da TV-Educativa (na época, o título era só **Universidade**) numa reportagem de Irene Cristina, no programa dirigido por Mounir Safatli.

Foi tão pouco, precário, mas muito bom ter vivido essa experiência. Minhas condições de saúde (perdoem-me colocar uma questão pessoal mas ela foi importante porque o curso da UERJ é muito recente e só estou eu com as disciplinas de TV) também colaboraram para que o projeto sofresse interrupção. O telejornal requer muito fôlego. Mas um dia, aqui na UERJ, tenho certeza de que vai ser possível, e espero que projetos semelhantes possam ganhar espaço (no Encontro Internacional IBM de Jornalismo deu água na boca ver o que é produzido numa escola da Flórida, EUA). E com todo o entusiasmo, o locutor-aluno anunciar: — No ar, o Telejornal Universitário!

*Sílvio Júlio Nassar, professor da Faculdade de Comunicação Social, Departamento de Jornalismo. Tem 22 anos de experiência em telejornalismo, na Globo, Bandeirantes e Manchete. É autor de um livro didático sobre TV “1.000 Perguntas — Televisão” e escreveu artigos para a *Revista de Comunicação*, além de reportagens e artigos para a imprensa em geral. É autor infanto-juvenil e roteirista de televisão (Caso Verdade “De pernas pro ar” — direção de Reynaldo Boury, com Paulo José). Concluiu recentemente a pesquisa “Doenças profissionais em Comunicação Social”.